

OBRIGADA APOTEC pela (Re)descoberta de mais uma pérola portuguesa Figueira da Foz

Não quero parecer lamechas mas, não posso deixar de expressar o meu mais profundo reconhecimento pelo maravilhoso cenário paisagístico que, mais uma vez, a APOTEC – Secção de Coimbra nos proporcionou.

Digam o que disserem, o certo, é que só quando visitamos os tesouros que o nosso país enverga, na boa companhia de uns quantos “descobridores”, de um bom guia turístico, cuidadosamente escolhido e do empenho de quem tudo fez para proporcionar um dia maravilhoso, não há melhor maneira de chegarmos ao tão almejado conhecimento das nossas raízes do nosso Portugal profundo.

Este ano, a APOTEC – Secção de Coimbra, surpreendeu-nos, mais uma vez, com o mote de descobrir e sentir, bem debaixo dos nossos pés e nos registos duradouros das paisagens naturais que nunca morrem nas nossas retinas, por vontade expressa de quem as olha, tudo o que se deve a quem se dedica ao estudo das origens portuguesas, desde os seus tempos mais ancestrais.

“Figueira da Foz e os seus encantos Naturais e Patrimoniais” foi, de facto, um mote forte para mais um convívio social e cultural.

Terra, mar e rio, três cenários estruturantes num só cenário demasiadamente apelativo, palco de todas as nossas simples condutas, satisfazendo uma sede insaciável de termos, por certo, no nosso presente português, maravilhas que deliciam e enobrecem os nossos gostos e as nossas origens históricas.

O ponto de encontro, mais uma vez, e como não podia deixar de ser em outro local, porque estou a referir-me à Secção de Coimbra, foi no Clube de Remo, onde se encontrava um Autopullman que nos conduziu até ao primeiro lugar de uma série de visitas: o Núcleo Museológico do Sal. Palmilhámos cerca de duas horas e meia (exercício físico à mistura), por um território fortemente marcado por características centenárias, das nossas salinas tradicionais, um viveiro perfeito para inúmeras espécies de aves, alguma delas que eu nunca ouvira falar, quanto mais ver ao vivo: flamingos, patos-reais, garças-reais e outras.

Entre a ousadia e a entrega incondicional, de forma a facilitar a visita, o condutor do autocarro levou-nos até ao coração de um viveiro de Aquicultura onde ficámos a conhecer, pela própria boca do explorador, como se desenvolve este tipo de indústria.

A fome não pede licença para apertar, mas valeu a espera porque fomos todos surpreendidos com um almoço tipicamente marítimo, ou não fosse a Figueira da Foz, uma cidade que não se cansa de beijar o mar e o rio.

Num espaço fresco e 100% natural, duas longas filas de mesas já estavam preparadas para nos receber. Das entradas, só não consegui comer as enguias fritas (apenas pela simples razão de não as conseguir “engolir”) mas valeu pela satisfação evidente, estampada nos rostos dos outros convivas. Sem demora, foi ver saltar para a mesa a bela sardinha assada, saladas diversas e, como não podia deixar de ser, uma sopa de peixe, tipicamente à pescador.

Depois de saciados e de um bom descanso às pernas, fomos recebidos pela Mestra em História da Arte, Património e Turismo Cultural, Dra. Inês Maria Jordão Pinto, na Casa do Paço que nos brindou com a projeção e respetivos comentários, de imagens atinentes a toda a história de vida daquela que hoje, representa uma das pérolas culturais da cidade, abordando as razões que levaram à construção do imóvel arquitetónico, passando umas breves pinceladas pela sua evolução ao longo dos tempos e da sua maravilhosa história dos azulejos que pudemos admirar.

Numa tentativa de proporcionar ao grupo a visão abrangente da cidade, o colega Álvaro não teve mãos a medir, para nos proporcionar aquilo que não consigo descrever em palavras tudo o que os meus olhos registaram: ainda que o objetivo fosse acedermos ao miradouro da Serra da Boa Viagem, para obtermos essa vista panorâmica, tal não foi possível. Um denso e cinzento nevoeiro foi engolindo tudo e todos.

Mas o nevoeiro não levou a melhor face à determinação dos organizadores. Quando descemos a serra, parámos num outro miradouro que, apesar de tudo, proporcionou-nos a visão global da cidade e a possibilidade do registo fotográfico de todo o grupo.

O tempo estava a arrefecer, o dia começava a sua contagem decrescente, mas a alegria contagiante do grupo manteve-se inalterada.

É sempre bom recordar que há gente capaz de uma organização tão detalhada, ao seu mais ínfimo pormenor, sempre com o objetivo de oferecer três oportunidades em um: o

convívio positivo que se deseja, (re)descobrir o que temos de melhor no nosso país, conhecendo as linhas históricas que compõem o tecido português e esta desgraçada inquietude que me impele a questionar qual será o mote da APOTEC – Secção de Coimbra, para o convívio a ser realizado no próximo ano.

PARABÉNS a toda a organização, PARABÉNS ao motorista que se mostrou sempre incansável e, claro, ao colega Álvaro que, de máquina sempre em punho, fez o filme da visita, que todos podemos ver na página da APOTEC, bem como toda a sua dedicação e pelo tempo pessoal dispensado, para que tudo corresse de acordo com a satisfação do de todo o grupo.

Bem-Haja

Deolinda Reis